

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 Globos Class.: BIX-Prod Cultural

Data: 17/08/88 Pg.: 633

A guerra de Ruy na selva

■ 'KUARUP' NO XINGU - 1 ■

MIGUEL DE ALMEIDA

Programa de índio: passar alguns dias no Xingu. Também não deixa de ser coisa rara, para quem não é autóctone. A tarefa soava fácil: acompanhar as filmagens de "Kuarup", de Ruy Guerra, em cima do livro "Quarup", de Antônio Callado. Tirando moscas, mosquitos, pernilongos, tucunarés, porco-selvagem, jacaré, sucuris e outros largatos gigantescos, talvez pré-históricos — bem, tirando isso e sol de 40 graus durante o dia, 30 de noite, tudo foi mesmo muito agradável. A coceira das picadas de insetos ainda incomoda — mas isso não importa: qualquer aventureiro deve ter no mínimo uma cicatriz. Estou com uma dúzia delas, Deus.

O filme será rodado no Xingu e em Recife. O orçamento previsto é de US\$ 4 milhões. Só no Parque Nacional do Xingu estão 100 pessoas, entre elenco, técnica e apoio. Sou informado de que as filmagens têm sido heróicas, com cenas de aventura, humor e amor. Há uma semana, terminaram de enveredar pela cachoeira de Ariapuaná, norte do Mato Grosso. Durante uma tomada, o ator Roberto Bonfim quase volta aos céus: um pacote lançado do avião por pouco não o arrasta pelas águas amazônicas. Taumaturgo Ferreira será o padre Nando, um ser atormentado pelo sexo e por Deus; Fernanda Torres, vivendo Francisca, um pecado solto pela floresta — e o elenco comporta ainda nomes como Ewerton de Castro, André Cecato, Maitê Proença, Cláudia Raia, Dionísio Azevedo, e outros. "Kuarup" deve estar pronto no início do próximo ano, para tentar o Festival de Cannes, além de um lançamento internacional.

Filmar no Xingu é uma verdadeira África. Não há telefone, luz elétrica. Até Cecil B. Mille teria se intimidado com essa xinguana aventura tropical. Todos sentem saudades de casa, dos entes queridos e só sabem notícias pela tradição oral. A equipe ficará na selva até final de setembro, convivendo com jacarés, insetos e animais românticos, como a onça. Tudo pela arte. Depois, conto mais da epopeia Kuarup, suas intempéries e diástoles.

E olha que chegar no Xingu é uma operação de guerra. Turística, mas de guerra. O voo começou no Rio, passou por São Paulo, Brasília e Goiânia — ufa. Em Goiânia, me perguntaram sobre as vacinas de malária, febre amarela, essas coisas tropicais. Disse que ficaria poucos dias, ao que o médico, meu amigo Dr. Júlio, emendou: "E os insetos sabem disso?".

Touchê, Dr. Júlio. Nem por isso caí na agulha. Goiânia é uma cidade de mulheres bonitas, com aquela cor jambo toda. O tom pode ser visto nas telas de Siron Franco — já as beldades, pelas ruas da cidade. É um lugar quente, embora o ar percorra os becos e vielas com a liberdade do planalto. Daí, as narinas correm planícies, pequenos espaços. É um lugar geométrico, em formato de palavras cruzadas.

Na pista do aeroporto, além da falta de ar, alguns jatos, boeings e insetos. Lá no fundo, aquele que é o meu destino: um corajoso monomotor, alcunhado de Sertanejo. Claro, de fabricação doméstica. Odiária que o piloto dissesse: "Um de nossos motores falhou". Não

foi um amor à primeira vista, relembro. Acostumado com versos alexandrinos, a aeronave me soou como versos soltos. Bem, era pegar ou ir de ônibus. Optei pelo caipira.

Não é necessário escada para subir no Sertanejo. Ele tem a altura do Agamenon Mendes Pedreira, algo em torno de um Nelson Ned e meio. Simpático que sou, fui escalado para ir como co-piloto. O Sertanejo parado me pareceu muito seguro, preso ao chão, coisa de raiz. Fiquei surpreso ao notar que não há toilette nem aeromoça no avião. Era pegar ou ir de balsa. Então, peguei.

O piloto, meu notório vizinho de banco, chama-se Vilela. É um dos donos da empresa aérea — e fico pensando se ele não está cobrindo a falta de algum funcionário relapso. Logo aflito, fico sabendo que ele tem 40 anos de profissão e 20 mil horas de voo. Sertanejo cheio, vamos aos ares. Mas Vilela é meu pastor e o céu não me faltará, sibilo.

De cima, a paisagem, aquela selva toda, parece uma couve-flor. Tem muita árvore lá embaixo, mais água, animais e insetos. O Sertanejo cruza Goiás, rumo ao Mato Grosso, embalado pelo ar. Este, às vezes, falta e o caipira tropeça, provocando solavancos. Estamos a seis mil pés (perto de dois mil metros) de altura, numa velocidade de 280 km/h, e penso como a vida é bela.

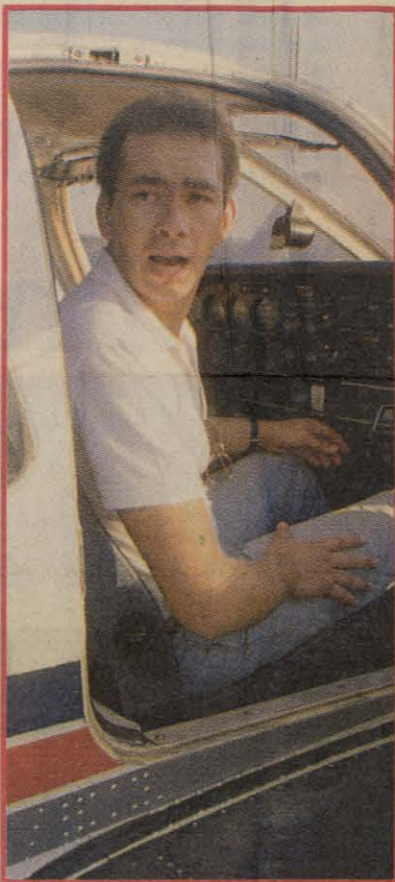
Canarana, MT, 11h. Vilela sobe a pista de terra, recorta a cidade (20 mil habitantes, 90 por cento de gaúchos) e pouso, felizmente. Adoro o chão, concluo, em meio àquela poeira danada. Cachorros e crianças se aproximam do Sertanejo. Peço para não jogarem pipocas na gente. E eis que surge o herói do "Kuarup", valentemente montado em uma bicicleta, pneu balão: chama-se Balestra e ganha o apelido de Barão Vermelho do Xingu. Já fez mais de 300 voos entre Canarana e Posto Leonardo, no Parque Nacional do Xingu.

Até o acampamento Kuarup, 50 minutos de voo naquele Sêneca, um danado de um bimotor. Balestra, nem perguntei, por certo nunca leu o autor que empresta nome ao seu avião. O piloto, 28 anos, cinco de profissão, ia contando as novidades da selva, noticiando os espaços, nunca molestando a geografia. Dez minutos de pânico depois, estava siderado pela paisagem. Freud só rasrou no siderismo.

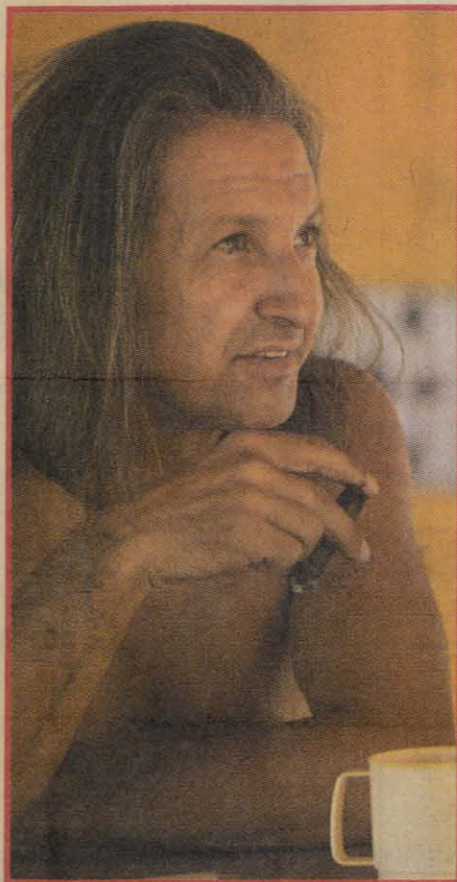
Xingu, enfim. Penso ser recebido por bordunas, tacapes e tucunarés. Mas tudo é verde de Garcia Lorca. Insetos dançam em volta de nossas cabeças. O ruído das árvores sugere o "trrrrim" de um telefone. Índios se aproximam, esperando encomendas trazidas no Sêneca. Pilhas, sabonetes, fitas de gravador — eles adoram tudo isso. O cenário é um quadro impressionista, Paul Gauguin. No alto do acampamento, Ruy Guerra, seu charuto, e um amigo nosso, o pintor português Júlio Pomar. Era o início do Kuarup, naquela tarde de quarta-feira, meio de agosto, 40 graus.



Fernanda Torres e Taumaturgo Ferreira na cabana do acampamento Kuarup, em pleno Parque Xingu, durante intervalo das filmagens



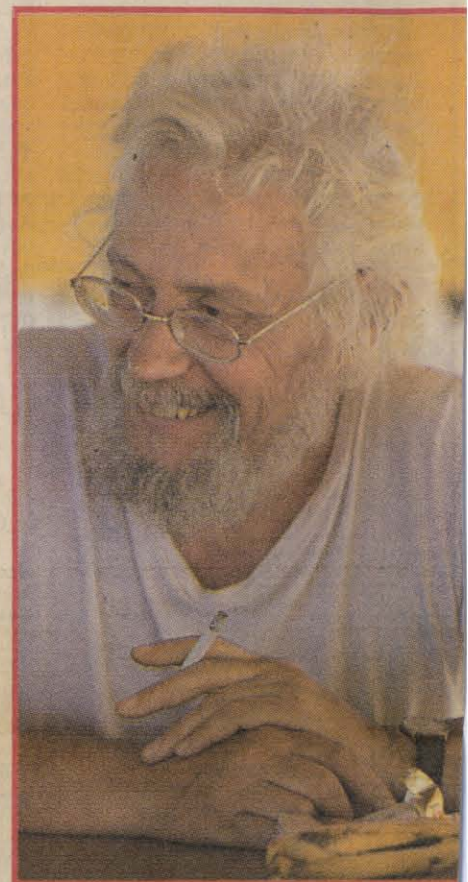
Balestra, o aviador da equipe



Ruy Guerra, diretor de "Kuarup"



Foi assim que Pomar retratou a índia camairá



O artista português Julio Pomar



■ O repórter Miguel de Almeida (à esquerda) passou quatro dias nas locações de 'Kuarup'. Ao centro, o 'índio' Roberto Bonfim